

## OS SABERES MÉDICOS E AS PRÁTICAS DE CONTROLE DO CORPO NO CONTEMPORÂNEO

Maria Antonia Paixão Feitosa<sup>1</sup>  
Vilma Nonato de Brício<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho traz um recorte da pesquisa de mestrado em andamento que problematiza as relações de saber-poder sobre o corpo e as práticas de resistências no Programa Saúde na Escola (PSE). O PSE aciona saberes da educação e da saúde para desenvolver práticas formativas direcionadas aos jovens. Tais práticas se direcionam diretamente sobre os corpos dos jovens, seus comportamentos, atitudes individuais e coletivas. Esse texto tem como objetivo fazer algumas reflexões teóricas sobre o corpo a partir de Michel Foucault (2011, 2005) e de Francisco Ortega e Rafaela Zorzanelli (2010), analisando a emergência de alguns saberes médicos acionados nas políticas de controle do corpo na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Corpo. Saberes Médicos. Relações de Poder.

### Percursos iniciais

O Programa Saúde na Escola (PSE) foi instituído em 2007, sob o Decreto Presidencial nº 6.286, tendo como fio condutor a contribuição para formação “integral” dos estudantes da Educação Básica da rede pública de ensino. Pressupondo que a formação integral se dá de forma contínua, o PSE se põe como uma estratégia fundamental ao desenvolvimento deste corpo, articulando saúde e educação. Neste sentido, “as práticas de cidadania há muito tempo vêm sendo uma questão biológica. Mas algumas reformulações são particularmente notáveis desde o fim do século XX” (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 91). Tais reformulações se fazem presente também no PSE, quando este institui práticas educativas, preventivas e clínicas que constitui um novo saber como intervenção da saúde em atividades escolar interdisciplinar<sup>3</sup>.

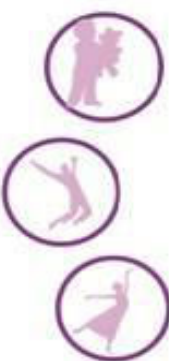
---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Cidades, Territórios e Identidades /PPGCITI/UFPA. Orientadora: Profª. Drª. Vilma Nonato de Brício. Grupo de Pesquisa Experimentações - UFPA. [antoniapfeitosa@gmail.com](mailto:antoniapfeitosa@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal do Pará-PPGCITI/UFPA. Líder do Grupo de Pesquisa Experimentações - UFPA. [briciovn@gmail.com](mailto:briciovn@gmail.com)

<sup>3</sup> Perspectiva defendida no PSE (Caderno do gestor do PSE, p. 20) para a dinâmica de abordagem de um mesmo tema em diferentes disciplinas como: Ciências, Literatura, Artes, História, etc.





Este trabalho objetiva através de uma perspectiva teórico-genealógica analisar algumas estratégias de promoção de saúde articuladas aos saberes médicos para controlar o corpo, práticas que se articulam com os discursos e as biopolíticas de governamentalidade do PSE.

### **Relações de saber-poder sobre corpo**

Em *Vigiar e punir* Foucault ao analisar o nascimento da prisão historiciza os dispositivos que tomaram o corpo como objeto de poder desde a época clássica à moderna. Para além das questões biológicas, Foucault (2005, p. 28) vai explicitar que “O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais”. Essa concepção de corpo o coloca no centro da disputa para normalizá-lo, em que diferentes estratégias são utilizadas para produzir efeitos de comparação, diferenciação, hierarquização, homogeneização e exclusão.

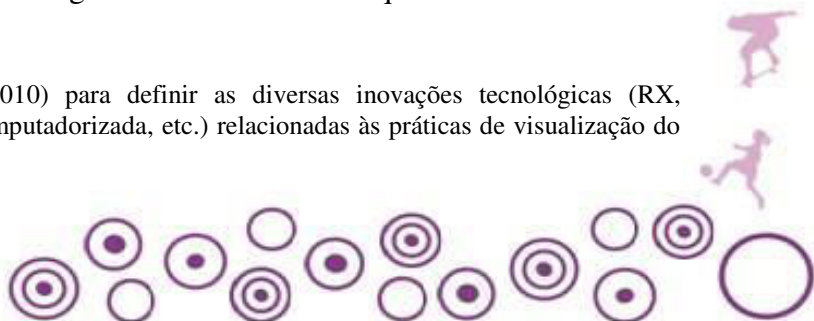
Ortega; Zorzanelli (2010, p. 125), analisam que “o avanço sem precedentes das tecnologias médicas e seu impacto cultural” produzem efeitos sobre os corpos. Neste sentido, podemos dizer que as práticas de visualização (imageamento)<sup>4</sup> desde as fotografias médicas nos meados do século XIX até as mais sofisticadas ressonâncias magnéticas funcionais com objetivo de garantir a objetividade dos diagnósticos de doenças até então realizados por meio do interrogatório em que por meio do contrato entre médico e paciente, o primeiro exorta: “Só lhe peço uma coisa que é dizer, mas dizer efetivamente tudo o que passa pela sua cabeça” (FOUCAULT, 2011, p. 125). Segundo Foucault, a confissão feita pelo paciente, onde este falava de seu corpo, por conseguinte de seu pensamento, relatava a história da “doença”, ou seja, a subjetividade do indivíduo fazia parte deste diagnóstico.

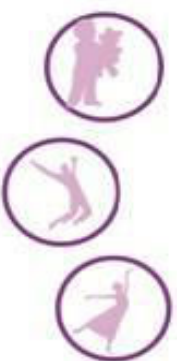
No entanto, a busca pela objetividade dos processos fisiológicos das patologias mostra que “o poder médico encontra suas garantias e justificações nos privilégios do conhecimento” (FOUCAULT, 2011, p. 122-123), que na contemporaneidade não se relaciona apenas as patologias, mas as tecnologias necessárias para ver, ler e decodificar as imagens do corpo, haja vista, que a medicina produz saberes e exerce poder sobre o paciente produzindo verdades das evidências do “olhar” nosológico sobre corpo.

Ortega e Zorzanelli (2010) analisam historicamente *como* nossa visão sobre o corpo se modificou a partir do uso de técnicas de imageamento na medicina que auxiliaram o *saber*

---

<sup>4</sup> Termo utilizado por Ortega e Zorzanelli (2010) para definir as diversas inovações tecnológicas (RX, ressonância magnética funcional, tomografia computadorizada, etc.) relacionadas às práticas de visualização do corpo.





diagnóstico de doenças desconhecidas ou que não tinham sinais e sintomas visíveis, ou ainda que se “alojavam” em regiões obscuras aos olhos clínicos, em especial as doenças cerebrais.

[...] as novas imagens se apresentavam como continuação automática no processo de colonização do interior do corpo. [...] novos objetos passíveis de ser visualizados, as possibilidades diagnósticas de cada uma das técnicas, aos procedimentos utilizados, à aplicação das técnicas das novas tecnologias a uma série de disciplinas médicas e, sobretudo, aos alcances e limites de cada uma dessas técnicas (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 46).

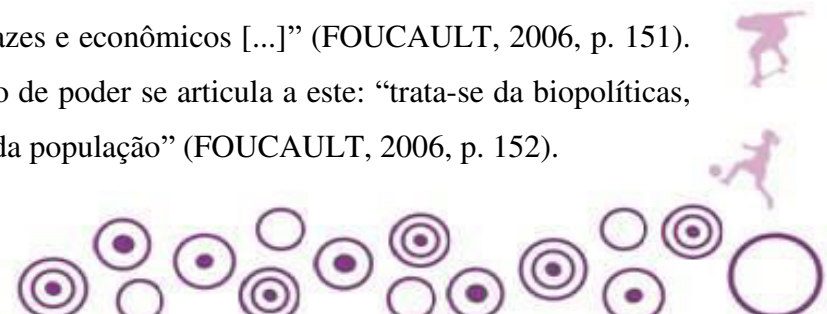
A busca da verdade sobre o interior do corpo tornou-se cada vez mais evidente através das tecnologias de visualização do corpo, o que não cessou aos questionamentos sobre a grande incógnita de nosologias que não tem explicações visíveis aos exames físicos ou imagéticos, pois não tinham lesão, então se reduziu a vontade de saber às explicações etiológicas. Entrava em cena um exército microscópico de vírus, genes e outros que compunham as explicações de cunho biológico como causa determinante das doenças cerebrais.

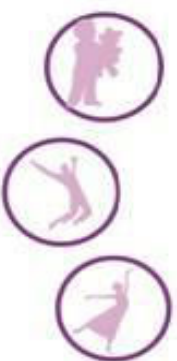
O discurso médico faz emergir uma nova verdade sobre o corpo, neste caso etiológica, que segundo Ortega e Zorzaneli (2010) transforma o cérebro numa máquina a ser manipulada, a ser dominada, embora tratado como “órgão da alma” se revela como um buraco negro onde as neurociências por mais que sejam auxiliadas pelas tecnologias de imageamentos não conseguem adentrar. O corpo se encontra no centro das relações de saber-poder que buscam controlá-lo, administrá-lo.

Mas quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida quotidiana (FOUCAULT, 2011, p. 131).

Trata-se de uma mudança nas relações de poder que se inseriu em uma nova linguagem, como diz Foucault, em um discurso, que faz de forma capilar as trocas entre o saber médico e o controle sobre o sujeito, para que este se torne o condutor de sua própria saúde. Assim, a linguagem médica passa a fazer parte do cotidiano do “doente”.

No entanto, esse interesse em cuidar da vida, não se restringe ao saber médico, mas também ao interesse econômico e político. Segundo Foucault (2006), desde o século XVII uma das inovações da sociedade ocidental foi o disciplinamento dos indivíduos, que “[...] centrou-se no corpo como máquina: no seu adestramento na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 151). Mas no século XVIII outra configuração de poder se articula a este: “trata-se da biopolíticas, controles reguladores: uma bio-política da população” (FOUCAULT, 2006, p. 152).





Nesse processo de controle individual e coletivo do corpo, as tecnologias de imageamento produzem vontades de saber e de poder que o constitui. O fato de as tecnologias de imageamento colocarem o corpo em evidência provocou uma crescente busca por métodos clínicos que explicassem as nosologias que não eram perceptíveis nos exames, mas que eram visíveis nas avaliações médicas, já que na segunda opção estava também em avaliação a história da doença descrita pelo próprio doente ou pessoa responsável por aquele indivíduo, o que constitui uma nova linguagem. “Mas o método clínico se diferencia do método anatomoclínico, dentre outros aspectos, pelo privilégio dado ao discurso do sujeito e pela importância da palavra no processo terapêutico” (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 120).

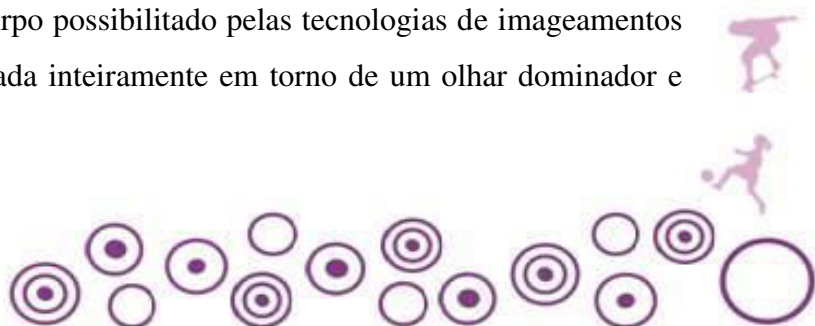
O discurso médico imagético produz uma vontade de saber e de poder sobre o corpo, pois “O conhecimento do interior do corpo representa uma metáfora eficaz do conhecimento de si” (ORTEGA, 2006, p. 91). O discurso imagético sobre o corpo produz outra concepção sobre adoecimento.

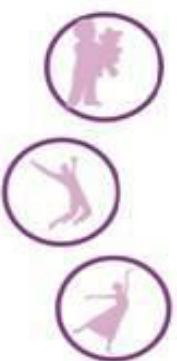
Estamos aderindo a uma concepção de adoecimento como um mero achado fisiológico do corpo, segundo a qual o vírus, os genes e o cérebro parecem poder responder a tudo sobre o humano. [...], deixando-se de lado o fato de que um agente etiológico está em uma pessoa, em um contexto sócio-histórico, material social (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 127).

Nenhum sujeito existe fora de um contexto histórico, social, material, econômico, daí a necessidade de ouvir o paciente, de percebê-lo nesse contexto que na contemporaneidade possibilita a emergência de inúmeras patologias contemporâneas, consideradas “doenças da alma”, que as práticas de imageamento não conseguem captar, mesmo com a crença no “olhar infalível das máquinas” (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010, p. 130), haja vista que os fatores biológicos eram, e por muitos se mantém, como o centro das explicações para as causas das doenças. Entretanto, como postula Ortega; Zorzanelli (2010) a objetividade das práticas de imageamento não é suficiente para “curar” o corpo acometido pelas doenças da alma, ou ainda, que visualizam as patologias, pois não conseguem respostas satisfatórias para o tratamento, porque não se trata apenas de um corpo orgânico, mas de um sujeito com ações e emoções para além do que é possível ver.

Foucault (2011, p. 209) afirma que “Eu queria saber como o olhar médico havia se institucionalizado; como ele se havia inscrito efetivamente no espaço social; como a nova forma hospitalar era ao mesmo tempo o efeito e o suporte de um novo tipo de olhar”.

Este novo tipo de olhar para o corpo possibilitado pelas tecnologias de imageamentos configuraria: “Uma visibilidade organizada inteiramente em torno de um olhar dominador e





vigilante [...] uma visibilidade universal que agiria em proveito de um poder rigoroso e metuculoso [...] exercício de um poder ‘omni-vidente’” (FOUCAULT, 2011, p. 215).

O poder exercido através das tecnologias de imageamentos, embora com todo o saber clínico, com análises metuculosas revelam o interesse de proliferar o discurso de que o sujeito é capaz de “controlar” seus próprios impulsos ou doenças. Assim, Ortega; Zorzanelli (2010) colocam em evidência as ciências naturais, como a biologia, como a ciência que fragmentou o paciente centrando-se na objetividade da doença e não na subjetividade do doente. “O nosso corpo é reconstruído a partir do modelo do corpo fornecido pela medicina e pela mídia como um corpo objetivado e fragmentado, privado de sua dimensão subjetiva, o corpo como algo que temos e não algo que somos” (ORTEGA, 2006, p. 105).

Mesmo sendo objetivado pela medicina e pela mídia, o corpo escapa, pois “Esse corpo, o corpo que somos e temos, não é apenas um objeto de controle, vigilância e escrutínio, nem uma construção discursiva, midiática ou espetacular, mas o sujeito da experiência e da ação” (ORTEGA, 2006, p. 105). As experiências e ações dos sujeitos em relação ao corpo abrem campo para a possibilidade de lutas e resistências, seja para legitimar a própria doença, seja para questionar o diagnóstico objetivo-imagético, seja para valorizar experiências subjetivas em relação ao corpo. Nesse sentido, é preciso considerar que “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, que funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, 2011, p. 183).

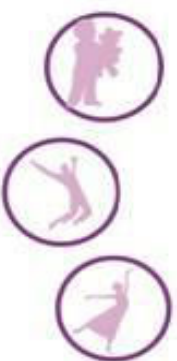
A imagem interna e externa do corpo produzida a partir das novas tecnologias o coloca nas malhas de saberes médicos, mas também de saberes pedagógicos considerados fundamentais para a construção do cuidado com o corpo materializado em práticas biopolíticas como no Programa saúde na Escola.

### **Considerações finais**

Para essa discussão inicial sobre o corpo e as relações de saber e poder que os constitui, fizemos algumas reflexões sobre *como* saberes médicos têm engendrado estratégias de controle individual e social do mesmo. Mesmo sendo um debate inicial sobre o corpo, este nos possibilitou problematizar o corpo em sua constituição histórica, sobre o qual incidem relações de saber, poder e formas subjetivação.

O corpo extrapola a objetivação biológica, imagética, física, pois este se torna alvo de disputas que constituem saberes diversos, como da medicina, da biologia, da psiquiatria, da história, da pedagogia; saberes que se constituem atravessados por composições de forças que





produzem implicações na dimensão subjetiva do sujeito. A estimulação dos corpos na modernidade cria outro modo de pensá-lo: “Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle repressão, mas de controle estimulação, fique nu, mas seja magro, bonito e bronzado!” (FOUCAULT, 2011, p. 147).

Para operar o controle do corpo as tecnologias de poder são redimensionadas ao incorporar estratégias que produzem ao governo de si e ao governo do outro, o que Foucault chama de governamentalidade que “[...] têm na população seu objeto, na economia seu saber mais importante e nos dispositivos de segurança seus mecanismos básicos” (MACHADO, 2006b, p. XXIII).

### Referências

BRASIL. **Caderno do gestor do PSE**. Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

\_\_\_\_\_. **Historia da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: edições Loyola, 1996.

MACHADO, Roberto. Introdução: Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2011. p. VII-XXIII.

ORTEGA, Francisco. O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX. **História, Ciências, Saúde**. Mangueiras, v. 13 (suplemento), p. 89-107, outubro 2006.

ORTEGA, Francisco, ZORZANELLI, Rafaela. **Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar  
Diagramação: Thomas Aguiar

